Dia 16 — A Festa de Nossa Senhora do Carmo, ou do Santo Escapulário

Sendo tão célebre e tão autorizada na Igreja a festa de Nossa Senhora do monte Carmelo, chamada vulgarmente (em outras partes) a festa do Escapulário, é muito justo referir sua história neste dia, singularmente consagrado a tão santa devoção, aprovada por tantos pontífices, confirmada com tantos milagres, estabelecida com tanto fruto em quase todas as partes do mundo cristão e em todas com tão visível proveito dos fiéis.

Havia muitos séculos que os padres carmelitas floresciam na Igreja, especialmente no Oriente, onde, apesar do furor dos bárbaros, dos sarracenos e dos muçulmanos, se mantinham encarcerados nas cavernas do monte Carmelo, tomando daqui o nome de carmelitas. Havia, volto a dizer, muitos anos que florescia no Oriente esta sagrada família, tão célebre e tão respeitável por sua pública e especial devoção à Santíssima Virgem, quando os europeus passaram à Palestina com o fim de libertar os cristãos e os santos lugares onde se obrou nossa redenção da opressão dos infiéis; e, enamorados não menos da virtude que da penitente vida daqueles santos ermitães do monte Carmelo, persuadiram-nos a que se trasladassem à Europa. Com efeito, pela metade do século décimo terceiro passaram alguns deles à França em companhia do santo rei São Luís, e foi seu primeiro estabelecimento numa certa ermida a uma légua de Marselha, chamada Aygalades. Declarou-se por seu protetor o piedosíssimo monarca e os estendeu por outras muitas partes de seus estados, enquanto alguns deles resolveram embarcar para a Inglaterra, onde a divina Providência lhes tinha destinado um sujeito que, por seu extraordinário mérito e por sua rara santidade, muito em breve havia de dar grande esplendor a sua ordem.

Era o célebre Simão Stock, inglês de nação, das mais nobres famílias do país; mas mais esclarecido por sua inocência e por sua eminente virtude que por seu ilustre nascimento. Prevenido desde sua infância com extraordinárias graças, aos doze anos de sua idade foi conduzido a um deserto pelo espírito de Deus. Praticou desde logo penitências incríveis: sustentava-se de raízes e de ervas; uma clara fontezinha lhe oferecia a água para apagar a sede; sua cama, sua cela e seu oratório se reduziam ao oco de um velho tronco, onde só podia estar em pé, tão estreito que não lhe permitia revolver-se a nenhum lado; e daqui se lhe deu o sobrenome de Stock, que em língua inglesa quer dizer tronco de árvore. Seu contínuo exercício era a oração, com a qual se purificou tanto aquela alma que os anjos, cuja pureza igualava, quase nunca o abandonavam naquela solidão. Ao mesmo passo que sua assombrosa penitência, crescia também a terna devoção que quase desde o berço havia professado à Santíssima Virgem; e asseguram os autores de sua vida que na maioria dos

dias o visitava esta Senhora em seu deserto, onde era tão íntima e tão familiar sua conversação com Deus que os espirituais consolos de sua alma pareciam auroras ou precursores das doçuras do céu.

Trinta e três anos levava Simão aquela angélica vida quando entraram na Inglaterra os ermitães do monte Carmelo, que haviam vindo do Oriente, e começaram a mostrar naquele reino o mesmo fervoroso zelo que lhes havia adquirido tanta veneração e tanta honra em toda a Palestina. Teve notícia de sua chegada o santo solitário por uma revelação; e, tendo-lhe declarado a Santíssima Virgem quão grata era aquela ordem a seus maternais olhos e que seria muito de seu agrado que ele se agregasse a ela, deixou no ponto o deserto, buscou os padres, arrojou-se a seus pés e abraçou seu instituto, submetendo-se a seu governo.

Não há maior prova da especial estima que fez então a Rainha dos céus daquela ditosa ordem que o ter-lhe dado o mais querido de todos os seus fiéis servos. Parece que a Virgem Santíssima se havia encarregado, por dizê-lo assim, de formá-lo por sua mão desde seus mais ternos anos e de enriquecê-lo com os mais preciosos dons, só para presenteá-lo àquela ordem tão querida sua e para que fosse muito cedo um de seus maiores ornamentos. Admitido Simão entre os religiosos do Carmo, não sentiu falta da companhia dos anjos que gozava no deserto. Apenas fez a profissão religiosa, desejou passar à Terra Santa para beber na fonte o espírito dobrado que havia animado o grande Elias. Visitou descalço os santos lugares que o Salvador consagrou com sua presença; e, chegando ao monte Carmelo, deteve-se seis anos nele, fazendo uma vida tal que se pôde chamar um êxtase continuado, sem outra comunicação em todo aquele tempo que com os espíritos celestiais. Diz-se também que a Santíssima Virgem cuidou de sustentá-lo de um modo milagroso. Voltado, enfim, à Inglaterra, estendeu por toda ela aquele fogo divino que se apoderou de seu coração no monte Carmelo; de maneira que, comunicado a toda a ilha, não ficou menos assombrada das portentosas conversões que se seguiam a sua pregação que dos frequentes milagres com que eram acompanhadas.

Ia-o dispondo a graça como por diversos graus de perfeição a mais singulares favores que o céu lhe preparava. Elevado ao cargo de superior geral por unânime consentimento de seus irmãos, aplicou-se com o maior empenho a avivar o sagrado fogo da devoção à Virgem numa ordem que se honrava com seu nome e até se gloriava de lhe haver dedicado altares quase desde o nascimento da Igreja.

Tiveram seu efeito os esforços de seu fervoroso zelo, porque o devoto geral teve o consolo não só de ver renovada na ordem com novo fervor a terna devoção à Mãe de Deus, mas de vê-la igualmente estendida e comunicada a todos os povos. Cresceu em Simão a confiança com a ternura e sentiu-se movido interiormente a pedir à Rainha dos céus algum novo e especial favor, assim para a ordem como para os fiéis. Depois de muitos anos de lágrimas, de penitências e de rogos, rendeu-se, enfim, a Mãe de misericórdia às instâncias de seu fidelíssimo servo. Diz a história que um dia lhe apareceu esta Senhora, rodeada de inumerável multidão de espíritos celestiais, com um escapulário na mão e, estendendo-o ao santo, disse-lhe estas doces palavras: «Recebe, amado filho meu, este escapulário para ti e para tua ordem, como uma prenda de minha especial benevolência e proteção, que sirva de privilégio a todos os carmelitas: *Dilectissime fili, recipe tui ordinis scapulare meæ confraternitatis signum, tibi, et cunctis carmelitis privilegium.* Por esta libré

hão de ser conhecidos meus filhos e meus servos. *Ecce signum salutis*: nele te entrego um sinal de predestinação e como uma escritura de paz e de aliança eterna: *Fœdus pacis, et pacti sempiterni*; contanto que a inocência da vida corresponda à santidade do hábito. O que tiver a ventura de morrer com esta especial divisa de meu amor não padecerá o fogo eterno e, por singular misericórdia de meu querido Filho, gozará da bem-aventurança: *In quo quis moriens, æternum non patietur incendium.*»

Apenas se publicou no mundo uma devoção de tanto consolo e de tanto proveito, feita a um varão tão santo, quando os reis e os povos tomaram à porfia o escapulário da Virgem e se alistaram na confraria dedicada a seu serviço. Cresceu a ansiosa e devota competência com os muitos milagres que obrou Deus para manifestar quanto lhe agradava aquela devoção. Por isso, pode-se de algum modo dizer que, entre todos os piedosos exercícios que o céu inspirou aos fiéis para honrar a Mãe de Deus, talvez não há outro mais ditoso que o de seu santo escapulário ; pois parece que nenhum outro foi confirmado com tantos e tão autênticos prodígios. Quantos incêndios se apagaram com sua virtude! Quantas vezes, diz um grande servo de Deus, se conservou o mesmo escapulário ileso em meio das chamas! Quantas livrou até os vestidos e até os cabelos de muitos que se acharam envoltos entre vorazes incêndios! Hoje mesmo se experimenta a cada passo de quanto auxílio é o santo escapulário nos naufrágios. Poucos há que alguma vez não tenham sido testemunhas do que respeitam as ondas a esta sagrada divisa. Tem-se visto muitos que, caindo nos rios ou no mar, ficaram como suspensos nas águas, escapando de uma morte inevitável por virtude do santo escapulário. Não poucos, precipitados de espantosos despenhadeiros, mantiveram-se como suspensos no ar, sustentados milagrosamente do escapulário preso à ponta de um penhasco. Detém até a violência do trovão e desvia a direção do raio, apesar de sua velocidade e sutileza. Quantas febres mortais e contagiosas, quantas violentas tentações, quantas enfermidades incuráveis desapareceram pela virtude do santo escapulário! Nunca acabaríamos se se quisessem referir todos os funestos acidentes, todos os gêneros de mortes de que preservou aos verdadeiros servos de Maria esta piedosa devoção.

Notório é a todo o mundo o que sucedeu no último sítio de Montpellier à vista de todo um exército. Recebeu um soldado no assalto um mosquetaço no peito sem padecer lesão alguma, tendo-se detido a bala como por respeito na superfície anterior do santo escapulário. Foi testemunha desta maravilha o mesmo rei Luís XIII, de feliz e triunfante memória, a cuja vista o devoto monarca vestiu logo aquela santa cota, como o fez São Luís logo que se descobriu ao mundo este tesouro. O defunto rei Luís, o Grande, cujo famoso reinado, imortal na memória por tantos prodigiosos sucessos, será a admiração dos séculos, este grande monarca, desde os primeiros anos de seu florescente império, pôs-se sob a proteção da Virgem, tomando seu santo escapulário. A sua imitação fizeram o mesmo muitos príncipes; e, havendo já quinhentos anos que se estabeleceu na Igreja esta devoção, cada dia se estende, se aviva e se aumenta mais em todas as nações, com indizível, com imenso proveito dos fiéis.

Logo que se descobriu, foi aprovada pelos vigários de Cristo; porque, sabendo muito bem a Santíssima Virgem que as mais especiosas devoções não são estimáveis enquanto a sé apostólica não as autorize, a mesma soberana Rainha deu a conhecer ao papa João XXII os privilégios singulares desta devoção, como o afirma o mesmo papa em sua bula *Sacratissimo*, da qual fazem menção nas que expediram em favor do santo escapulário os papas Alexandre V, Clemente VII,

Paulo III, Paulo IV, São Pio V e Gregório XIII; de sorte que sete grandes pontífices conspiraram, por dizê-lo assim, em acender mais e mais esta devoção no coração dos fiéis, pelo sem-número de indulgências que concederam aos que se alistassem em tão piedosa confraria. Que prenda mais doce nem de maior consolo da especial proteção de Maria? Que motivo mais sólido para fundar uma piedosa confiança?

O que solicitou esta divisa da especial proteção da Mãe de Deus foi um de seus mais amantes servos, e ele mesmo é quem assegura tê-la conseguido. Autorizou-a o céu pelo oráculo dos vigários de Cristo e pela voz dos milagres. Nenhum católico duvida desta poderosa proteção. Sabe-se que São Boaventura não assinala outros limites ao que pode a intercessão de Maria que os que reconhece o poder de Deus. Assegura Santo Antonino que, para alcançar, não há mister mais que pedir. Adianta o bem-aventurado Pedro Damião que se apresenta ao trono de seu Filho, não já como serva, mas como Mãe, e que suas súplicas podem ter como força de decretos: *Accedit ad aureum humanæ reconciliationis altare, non orans, sed imperans, domina, non ancilla.* Como é possível que seja eternamente infeliz, diz o mesmo padre, um homem por quem Maria tenha intercedido uma só vez? *Æternum væ non sentiat, pro quo vel semel oraverit Maria.* Ao abade Guerrico, discípulo de São Bernardo, parece-lhe ser quase o mesmo merecer alguém a proteção da Virgem que assegurar-se da posse do paraíso: *Nullatenus censendum est majoris esse felicitatis habitare in sinu Abrahæ, quam in sinu Mariæ.* Bem sabidos são os devotos afetos de Santo Anselmo neste particular. Crê que não é possível perecer no serviço da Rainha dos anjos; a ela dirige estas palavras tão memoráveis e tão frequentemente repetidas: *Omnis ad te conversus, et a te respectus, impossibile est ut pereat.* Não disse menos que todos os demais São Germano, bispo de Constantinopla, quando disse que a proteção da Virgem era muito superior a tudo quanto nós podíamos conceber: *Patrocinium Virginis majus est, quam ut possit intelligentia apprehendi.*

Não só conseguem nesta vida a proteção particular da Santíssima Virgem os que trazem seu devoto escapulário, mas também a desfrutam na outra os que o trouxeram nesta e foram verdadeiros servos de Maria. Uma mãe tão terna e tão amorosa não parece possível que deixasse de mover-se a piedade se visse padecer por longo tempo os tormentos do purgatório a seus queridos filhos. Assim os tesouros da Igreja, que com tanta profusão derramaram os sumos pontífices em favor dos confrades do escapulário, como a parte que tem cada um deles nas orações e nas boas obras da confraria e da religião do Carmelo, contribuem muito ao alívio e mais pronta libertação dos confrades. É certo que a Santíssima Virgem a nenhuma alma tirará jamais do inferno; mas tem muitos meios para fazer que o pecador não morra na impenitência final, contanto que uma falsa confiança não seja causa de que se conservem em pecado os falsos devotos de Maria.

São sem dúvida muito ilustres e muito autênticos a maior parte dos milagres que obrou Deus em favor do santo escapulário, e é razão dar um piedoso assentimento à história do bem-aventurado São Simão Stock; mas nunca o mesmo que devemos às coisas reveladas à santa Igreja. Tampouco se pode duvidar, por outra parte, que a Igreja tenha autorizado uma devoção tão aprovada. E, enfim, não é verossímil (diz o mesmo devoto de Maria, de quem tiramos a substância desta história) que um Deus tão sábio como poderoso permitisse que se fundasse sobre uma fábula uma devoção que lhe havia de ser agradável, como o está manifestando cada dia, querendo torná-la célebre com tão grande número de prodígios.

Missa (oração)

A missa é em honra da festa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatissimæ Virginis, et Genitricis tuæ Mariæ singulari titulo Carmeli ordinem decorasti: concede propitius, ut cujus hodie commemorationem solemni celebramus officio, ejus muniti præsidiis, ad gaudia sempiterna pervenire mereamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que ilustrastes a ordem do Monte Carmelo com o título especial de vossa Mãe, a bem-aventurada Virgem Maria, concedei-nos benigno que, amparados com a proteção daquela cuja memória solenemente celebramos, mereçamos chegar aos eternos gozos da glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 24 da Sabedoria (do Eclesiástico).

Eclesiástico 24,23-31

> **Latim:** 23 Ego quasi vitis fructificavi suavitatem odoris : et flores mei fructus honoris et honestatis. 24 Ego mater pulchræ dilectionis, et timoris, et agnitionis, et sanctæ spei. 25 In me gratia omnis viæ et veritatis : in me omnis spes vitæ et virtutis. 26 Transite ad me, omnes qui concupiscitis me, et a generationibus meis implemini : 27 spiritus enim meus super mel dulcis, et hæreditas mea super mel et favum. 28 Memoria mea in generatione sæculorum. 29 Qui edunt me, adhuc esurient, et qui bibunt me, adhuc sitient. 30 Qui audit me non confundetur, et qui operantur in me non peccabunt : 31 qui elucidant me, vitam æternam habebunt.

Português: 23 Eu como vide lancei flores dum agradável cheiro: E as minhas flores são frutos de honra e de honestidade. 24 Eu sou a mãe do amor formoso, e do temor, e do conhecimento, e da santa esperança. 25 Em mim há tôda a graça do caminho e da verdade, em mim tôda a esperança da vida e da virtude. 26 Passai-vos a mim todos os que me cobiçais, e enchei-vos dos meus frutos: 27 Porque o meu espírito é mais doce do que o mel, e a minha herança vence em doçura o mel e o favo. 28 A minha memória durará por tôdas as gerações dos séculos. 29 Aquêles que me comem, terão ainda fome: E os que me bebem, terão ainda sêde. 30 Aquêle que me ouve, não será confundido: E os que obram por mim, não pecarão. 31 Aquêles que me esclarecem, terão a vida

eterna.

Nota

«Todo o capítulo 24 do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, é um magnífico elogio da Sabedoria, reconhecendo-se nele a ventura dos que a buscam e aderem a ela. Em sentido moral, não há coisa melhor apropriada aos verdadeiros devotos da Virgem.»

Reflexões

Eu sou a mãe do amor formoso, do temor, da ciência e da santa esperança. A verdadeira devoção de Maria inspira uma caridade pura, um temor doce e filial, uma clara inteligência dos maiores mistérios e uma santa confiança sem temeridade nem presunção. Por este amor generoso e aceso para com Deus; por este doce e filial temor de desagradar-lhe; por este fundo de religião e de rendida submissão às ordens de Deus; por esta inalterável confiança em sua misericórdia reconhecem-se os verdadeiros devotos da Virgem. Tudo isto diz, tudo isto inspira e todas estas virtudes alcança a verdadeira devoção de Maria; sem elas toda devoção é falsa e espúria. Por isso todos os santos amaram a esta Senhora com especial ternura; e todos, depois de Jesus Cristo, colocaram nela sua confiança. É a mãe do puro amor; e por isso mesmo só experimentarão seus divinos ardores os que a amam como a mãe, os que a honram como a soberana e os que a consideram como distribuidora dos tesouros de seu Filho. Deste amor puro de Deus nasce sempre o temor saudável de ofendê-lo; mas este divino fogo que comunica Maria não só acende seus servos, também os ilumina, também os instrui para que conheçam que não se pode amar a Mãe sem amar o Filho. Igualmente experimentam os dois afetos do puro amor o coração e o espírito dos verdadeiros servos de Maria. À caridade abrasada acompanha sempre a fé viva; e, quando se possui esta virtude, não pode faltar a confiança. É erro pensar que consiste a devoção da Virgem em certos exercícios exteriores e em trazer seu escapulário, quando tudo isto não vai acompanhado daquela fé viva e universal, daquela constante perseverança nos bons costumes e daquela cristã vida sem a qual toda devoção, embora não seja inútil, não pode ser meritória; mas tampouco há maior impiedade que condenar esta devota ternura que se professa à Mãe dos eleitos, desaprovar o culto que se rende à Mãe de Deus. Ela é o socorro dos fiéis, o consolo dos aflitos, o refúgio dos pecadores; pois quem poderá censurar que depois de Jesus Cristo se coloque nela toda a nossa confiança? Onde há meio mais eficaz nem mais seguro para que Jesus Cristo nos receba com agrado? O primeiro milagre que obrou o Salvador foi a rogos de Maria; e, tendo-se-nos comunicado a si mesmo por meio de Maria, diz São Bernardo, por ela quer que recebamos também todas as suas graças. Sem dúvida por isto em todos os tempos se desenfrearam contra esta Senhora todas as heresias. Quantos hereges abortaram os séculos professaram uma maligna aversão à Santíssima Virgem e declararam-se furiosamente contra sua devoção. Pelo contrário, todos quantos santos tem produzido a Igreja, todos professaram uma terna devoção a esta Senhora; todos fizeram empenho de publicar suas virtudes, de exaltar seu poder, de recomendar

sua devoção, de promover em todas as partes seu culto e de pôr toda a sua confiança em sua poderosa intercessão: *Qui elucidant me, vitam æternam habebunt.* É prenda pouco equívoca de predestinação a terna devoção à Santíssima Virgem e o fervoroso zelo de sua glória. Pelo contrário, apenas há sinal mais funesto de reprovação que olhar com frieza e com desgosto a Rainha dos anjos: *Omnes qui me oderunt, diligunt mortem.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas.

Lucas 11,27-28

> **Latim:** 27 Factum est autem, cum hæc diceret : extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi : Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. 28 At ille dixit : Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

Português: 27 E aconteceu, que dizendo elle estas palavras: huma mulher levantando a voz do meio do povo lhe disse: Bemaventurado o ventre, que te trouxe, e os peitos a que foste criado. 28 Mas elle respondeo: Antes bem-aventurados aquelles que ouvem a palavra de Deos, e a põem por obra.

Meditação

Da devoção à Santíssima Virgem

Primeiro ponto

Considera que o que mais excita o amor e a devoção a uma pessoa é o mérito, a gratidão e o poder. A base, por dizê-lo assim, da devoção que se professa aos santos é o conceito que se forma de suas virtudes, a experiência do muito que podem com Deus, o conhecimento de sua inclinação a fazer-nos bem e a memória das graças e benefícios que se receberam por sua intercessão. Admiramos suas virtudes, veneramos e respeitamos seu poder; nisto, e singularmente em sua caridade com os que estão unidos a eles com uma mesma união, fundamos nossa confiança. Pois agora, entre todos os santos que estão na pátria celestial, qual deles teve mais sublime santidade, qual tem mais poder com Deus, nem de quem temos recebido tantos benefícios como da Santíssima Virgem? Mais pura, mais santa, mais perfeita desde o primeiro instante de sua vida que todos os santos juntos na hora da morte. Que trono há no céu mais elevado que o seu, superior ao

de todos os espíritos bem-aventurados? Só o trono de Deus é superior ao trono de Maria. Pois que honras, meu Deus, que homenagens não se lhe devem tributar! Quanto respeito, quanta devoção, quanto culto lhe devemos render! É a Mãe de Deus, a Rainha do céu, a Soberana do universo, a Imperatriz dos anjos e dos homens; não devemos, pois, admirar-nos de que a veneração, a ternura e a sólida devoção à Mãe de Deus tenham começado, por dizê-lo assim, com a mesma Igreja. Que veneração tão profunda, que devoção tão terna (diz Santo Ildefonso) professaram os apóstolos à Mãe do Salvador! Por satisfazer à devota curiosidade dos primeiros cristãos fez São Lucas tantos retratos da Virgem. Asseguram alguns autores que, ainda vivendo esta Senhora, lhe consagraram os fiéis muitas capelas e oratórios. Com que eloquência e com que zelo pregaram aos fiéis as grandezas de Maria todos os padres dos primeiros séculos, exortando-os a uma viva confiança em sua poderosa proteção! Que consolo, Virgem santa (exclama Santo Epifânio), o de estar consagrados a vós desde nossa terna infância! Que ventura a de viver à sombra de vosso patrocínio! Amemos a Maria (diz São Bernardo), amemo-la com a maior ternura; jamais se desprenda de nossos lábios seu dulcíssimo nome; esteja perpetuamente gravado em nosso coração. Oh, e que copioso manancial de graças é a devoção à Virgem!

Segundo ponto

Considera que, se as grandezas de Maria, se sua eminente, sua incomparável santidade excitam nossa veneração e exigem todos os nossos respeitos, o grande poder que tem com Deus e o amor de mãe com que olha a todos os homens merecem bem toda a nossa confiança. Aproxima-se do trono de Deus, diz São Pedro Damião, não como serva que pede, mas como soberana que intercede: *Domina, non ancilla*; e aquele Filho todo-poderoso, que se deixa obrigar das lágrimas dos maiores pecadores, poderá negar coisa alguma à intercessão de sua divina Mãe?

Pode alguém ser verdadeiro servo da Mãe, pode levar sua libré e ser mal recebido do Filho? Sendo, como dizem os padres, a dispensadora ou repartidora das graças do Redentor, é preciso que tenham particular direito a estas graças os que estão em seu serviço. Cristo, dizem os mesmos padres, é a fonte das graças; Maria é o canal por onde se derivam a nós. Basta estar no serviço de um grande, basta levar sua libré, para ter parte em seus favores, para gozar dos privilégios de sua casa, correspondentes a sua classe e nascimento. Pois quem poderá duvidar da proteção de Maria se tem a ventura de ser devoto seu? Ninguém duvida de seu poder; tampouco se pode duvidar de sua bondade e de sua beneficência. Estremece-se todo o inferno ao só nome de Maria; nada o irrita mais que ver os fiéis alistarem-se em seu serviço e professar-lhe uma terna devoção; mas isto mesmo deve excitar nosso amor, nossa confiança e nosso zelo. É sinal de reprovação o olhar esta Senhora com frieza ou com indiferença. Não há mais doce consolo, não há ventura maior nem mais plena que professar-lhe uma constante devoção e uma perfeita confiança. Que há que temer, uma vez que a Mãe de Deus nos tome sob sua proteção? Se nos guia esta estrela da manhã, não nos descaminharemos; somos pecadores, é nosso refúgio; estamos aflitos, é nosso consolo. Está cheia a vida de escolhos e de perigos; mas não há que temê-los com a assistência desta Protetora; é formidável a morte; mas naquela hora tão crítica estará cheio de alento e de confiança um verdadeiro devoto da Mãe de Deus.

Ah, Senhor, e quanta é minha dor de ter tido até aqui tão pouco zelo, tão pouco amor e tão pouca devoção a vossa divina Mãe! E, se algum tempo fiz profissão de honrá-la e de contar-me no número de seus filhos, que mostras dei de meu alistamento e de minha ternura? Não me rejeiteis, Mãe de misericórdia, pois quero consagrar-me de novo a vosso serviço; quero levar vossa libré; alcançai-me graça para sustentar com a inocência e com a pureza de costumes a pública profissão que vou fazer de estar alistado no número de vossos devotos servos.

Jaculatórias

> *Mater misericordiæ, vita, dulcedo, spes nostra, salve.* Antífona da Igreja.

Deus vos salve, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa.

> *Dignare me laudare te, Virgo sacrata: da mihi virtutem contra hostes tuos.* Antífona da Igreja.

Dignai-vos, Virgem sacratíssima, aceitar os louvores que quero tributar-vos e dai-me valor para opor-me a vossos inimigos.

Propósitos

1. É certo que honramos a Santíssima Virgem com aqueles interiores afetos de amor e de respeito que estão como gravados em nossos corações para com suas virtudes e para com sua pessoa; mas não é menos certo que, quando estes afetos se manifestam para fora, é tanto maior sua glória quanto é maior o número das testemunhas a cujos olhos se descobre nosso zelo por seu santo serviço; e, como esta Senhora é mais agradecida do que se pode explicar, dobra à proporção sua ternura e sua liberalidade. Nisto logram uma grande vantagem os confrades do escapulário sobre outros devotos da Virgem; pois, como sua declaração pelo serviço da Virgem parece não poder ser mais pública que levando sua libré, também parece ficar a mesma Senhora mais obrigada a declarar-se em seu favor quando se oferecem ocasiões de protegê-los. Estima tua fortuna e reconhece tua ventura se tens a de trazer seu escapulário e estar alistado nesta santa confraria. Se não a tens, não percas tempo e solicita-a quanto antes. Todos, sejam do estado que forem, podem ser admitidos nela; pois com nenhumas outras são incompatíveis suas obrigações. Não te contentes com lograr tu só esta ventura, solicita que logrem a mesma teus filhos e teus criados; o que para ti e para toda a tua casa será um manancial perene de felicidades.

2. É erro muito pernicioso lisonjear-se de ser verdadeiro devoto de Maria enquanto se está em desgraça de seu Filho. Na verdade, a devoção à Santíssima Virgem é um meio muito poderoso para conseguir a graça da conversão; mas é preciso não pôr estorvos a esta graça, é necessário que a inocência e a pureza de costumes provem a devoção a esta Senhora. Querer ser seu devoto e ser pecador é contradição. Não é menos uma ilusão persuadir-se de que, por ter jejuado uma vez ou comungado numa de suas festas, estamos já muito introduzidos em sua graça e de que não se nos podem fechar as portas do paraíso. As obrigações dos que trazem o escapulário são fáceis e leves, mas são obrigações; e assim nunca te dispenses delas. Reza todos os dias sete Pais-Nossos e sete Ave-Marias, como tributo que devem pagar todos os que trazem esta piedosa libré; comunga em todas as festividades da Virgem e nos sábados faze-lhe algum obséquio particular, como jejuar neles ou coisa equivalente. Dá todos os anos algum público testemunho de teu amor a tua divina Protetora; renova-o todos os meses, todas as semanas e até todos os dias, já rezando-lhe regularmente o santo rosário, já seu Ofício Parvo, ou ao menos o de sua Imaculada Conceição. Muitos confrades comem de vigília todas as quartas-feiras; outros, em lugar desta abstinência, dão alguma boa esmola ou rezam o rosário inteiro. Enfim, não se te passe dia sem honrar o santo escapulário com alguma devoção ou mortificação.

O Triunfo da Santa Cruz

Sempre mostrou Deus sua bondade e onipotência em favor daqueles que com submissão e coração puro adoram seu santo nome. Os israelitas, aquele povo eleito de Deus entre todas as nações, viram muitas vezes o poderoso auxílio deste Senhor, que com repetidos prodígios fazia ver às nações que era o Deus dos exércitos e o Deus das vinganças. Mas, entre todas as nações do mundo, assim como mal há uma que tenha padecido tão contínuas e tão sangrentas perseguições de bárbaros como a nação espanhola, assim também seria difícil achar outra em quem se tenha manifestado o braço de Deus mais benéfico para os seus e mais terrível para os inimigos de sua santa religião e adorável nome. Entre os muitos exemplares que pode produzir a Espanha em confirmação desta verdade, merece um lugar muito distinguido na memória e estima dos espanhóis o que deu ocasião à solenidade deste dia, solenidade que enche de regozijo toda a Espanha e exalta a glória daquela árvore sagrada em que se obrou a redenção do gênero humano. Sua história, segundo consta dos monumentos antigos de maior veracidade, é como se segue.

Pelos anos do Senhor de 1210 estavam as coisas da Espanha dispostas de tal maneira que dois reis dos principais que dominavam nela, um mouro, chamado Mahomad, e o outro cristão, chamado dom Afonso VIII, rei de Castela, meditavam a um mesmo tempo a total destruição de seus respectivos contrários. O mouro, insolente com os bons sucessos que nos anos anteriores lhe haviam proporcionado sua multidão e a discórdia dos príncipes cristãos, cria haver-se-lhe oferecido a ocasião de subjugar toda a Espanha, escravizar seus moradores e desterrar de entre eles até a memória da santa cruz e daquele que padeceu nela morte afrontosa pela redenção do gênero humano. Juntava para este efeito numerosas hostes, fazendo vir da África grande número de infantes e cavalos e fazendo todas as provisões que se requeriam para uma das mais atrevidas e loucas empresas. O rei de Castela, por sua parte, tendo ajustado pazes entre todos os príncipes cristãos, estava persuadido de que era a ocasião mais oportuna de converter unanimemente todos

os seus esforços contra uma nação bárbara que ameaçava continuamente com a extirpação do nome cristão. Lisonjeava-se de que esta operação bem dirigida poria em suas mãos o domínio de toda aquela parte da Espanha que possuíam os mouros e de que estes se veriam obrigados a salvar suas vidas fugindo à África como a seu único asilo.

Adotado este pensamento, que comunicou a todos os grandes de seu reino, assim eclesiásticos como seculares, de quem foi aprovado, dirigiu seus esforços a prevenir tudo o necessário para tão grande empresa. Na verdade, de seu feliz êxito pendia em grande parte a ventura de toda a cristandade e por isso mal havia príncipe na Europa que não devesse considerar-se como interessado. Era-o também o sumo pontífice, como pai e pastor universal do rebanho de Jesus Cristo, a cuja vigilância e desvelos pertencem iguais ofícios no espiritual que aos príncipes soberanos em ordem às coisas temporais e às armas. Para negociar com o santo padre os benefícios espirituais de uma cruzada para todos os que militassem naquela grande expedição, enviou o rei de Castela a Roma o bispo de Segóvia, Gerardo. O arcebispo de Toledo, dom Rodrigo, foi enviado igualmente à França para solicitar dos príncipes e cavalheiros poderosos que concorressem por sua parte a uma guerra em que tanto interessava a religião. Estas diligências surtiram todos os efeitos que podiam desejar-se. O sumo pontífice, que a esse tempo era Inocêncio III, não somente concedeu aos que fossem pelejar contra os mouros todas as graças e indulgências concedidas naqueles tempos a todos os que se alistavam para a conquista da Terra Santa, mas além disso fez publicar por toda a cristandade as ameaças e blasfêmias que contra a Santa Cruz havia proferido o rei bárbaro, exortando a todos os fiéis a que procurassem implorar o auxílio divino por meio de orações e santas obras. Na cidade de Roma fizeram-se devotas e solenissimas procissões, a que concorreu o santo padre com os pés descalços, incitando com seu exemplo a que todos os cristãos multiplicassem os exercícios de penitência em satisfação de suas culpas, para fazer assim que fossem mais poderosas com o céu suas preces. O praticado em Roma difundiu-se facilmente pelas províncias do cristianismo e deu novo valor às negociações do arcebispo dom Rodrigo. De todas as partes se alistaram príncipes e grandes senhores que, com muita gente de a pé e de a cavalo, puseram-se em marcha para o exército do rei de Castela. Dom Afonso, entretanto, fez que em seu reino se imitassem as cristãs diligências que se haviam praticado em Roma. Em todos os povos e cidades se fizeram rogativas públicas e procissões de penitência, implorando o auxílio daquele grande Deus que favorece os que confiam nele e castiga os que, fiados em suas forças, ultrajam seu santo nome. Ao mesmo tempo que procurava o favor do céu, não se descuidou de juntar grandes armazéns de armas, de víveres e de quanto sua prudência contemplou necessário para que um exército tão numeroso estivesse perfeitamente abastecido.

Os reis de Navarra e Aragão se assinalaram entre todos pelo grande número de gente que aprontaram e pela grande atividade que desdobraram nesta empresa, como que eles haviam de experimentar seus bons ou maus efeitos; pois, segundo por todas as partes publicava o arcebispo dom Rodrigo, o rei mouro havia jurado com grande soberba que a quantos adoravam a cruz por todo o âmbito do mundo havia de persegui-los com guerra e morte até seu extermínio. O número de soldados que vieram das nações estrangeiras ascendia a uns doze mil cavalos e cinquenta mil infantes. Portugal, apesar de ter morrido por este tempo o rei dom Sancho e de terem-se alterado algum tanto as disposições que havia para esta guerra sagrada, enviou um número considerável de gente, parte por ordem de dom Afonso II, que havia sucedido no reino, e parte de soldados voluntários que não queriam privar-se do grande mérito de pelejar pela defesa da religião de Jesus

Cristo. Era o ponto de reunião a cidade de Toledo, em cujos contornos dispôs o rei dom Afonso os alojamentos necessários para a comodidade e boa assistência de exércitos tão numerosos. Assinalou a todos o rei dom Afonso o soldo competente, segundo suas graduações militares, e mandou que se lhes assistisse com os víveres que necessitassem, para o que havia grandes provisões em muitos armazéns. Estando nesta disposição, chegou o rei de Aragão, dom Pedro, com vinte mil infantes e três mil e quinhentos cavalos e foi recebido no dia da Santíssima Trindade do ano do Senhor de 1212 com demonstrações de extraordinária alegria. Dispostas assim todas as coisas, animados os soldados com a esperança de ricos despojos e, o que é mais, fortalecidos com muitas graças e indulgências que aumentavam neles o desejo de pelejar contra os inimigos de Jesus Cristo; preparado um trem de bagagens que, segundo assegura o arcebispo dom Rodrigo, testemunha de vista, chegava a sessenta mil carros, empreenderam a marcha em busca do inimigo no dia vinte e um de junho do referido ano. Era o exército dos mais numerosos que se haviam visto jamais, pois em Castela haviam obrigado a tomar as armas a todos quantos tinham idade competente para isso. Por onde quer que ia espalhava o espanto e o terror. Os mouros que guarneciam Malagón, retirados a um castelo forte situado num monte escarpado, foram forçados e passados todos a cutelo. Outro tanto pretenderam fazer os estrangeiros com Calatrava, ansiosos de derramar o sangue dos bárbaros e conseguir deste modo sua completa destruição e extermínio. Mas os espanhóis, mais prudentes, conhecendo que com o desespero que esta crueldade infundia nos inimigos se aumentavam prodigiosamente suas forças, contiveram os estrangeiros e fizeram que se guardasse fé com os rendidos, com quem podia mais a generosidade que a crueldade dos vencedores. Repartiram-se os despojos entre os aragoneses e os soldados estrangeiros, já para alimentar assim a cobiça dos que pelejavam mais por desejos de enriquecer-se que por amor à religião, já também para que o agradecimento estreitasse mais intimamente os estrangeiros na amizade dos espanhóis. Mas Deus, que queria fazer visível que o triunfo que se havia de conseguir era todo obra sua e não fruto da indústria humana, permitiu que fossem insuficientes estes meios para conservar a harmonia. Desconcertaram-se as tropas adventícias e, já fosse pelo rigor dos calores e as muitas enfermidades que isto ocasionava, ou bem porque tivessem cumprido os quarenta dias que tinham obrigação de servir os cruzados que se alistavam nas bandeiras católicas, o certo é que trataram de voltar a suas terras quando mal havia começado a campanha. Este triste sucesso não acovardou um ponto o grande coração do rei de Castela, que mais que em seus soldados confiava em Deus para o bom êxito de sua empresa. Não seguiram o pernicioso exemplo Arnaldo, bispo de Narbona, nem Teobaldo Blazon, natural de Poitiers; antes levaram muito a mal a covardia e infidelidade dos de sua nação e determinaram perder antes a vida que abandonar por sua parte uma causa tão justa.

Da partida dos estrangeiros resultaram grandes distúrbios no exército, apoderando-se de uns o medo e a tristeza, e de outros a força do mau exemplo, que causou deserção em muitas companhias. Mas por outra parte resultaram alguns benefícios, porque, informado Mahomad de que se havia desmembrado o exército dos cristãos, resolveu dar-lhes a batalha, para a qual se achava antes indeciso. Além disto, ficaram depois os espanhóis sem a obrigação de ter que repartir com os estrangeiros o prêmio e a glória de uma das maiores ações que se viram no mundo. Sossegados, pois, estes distúrbios, seguiram suas marchas e chegaram a Alarcos, lugar desguarnecido, e por isso tiveram os mouros que abandoná-lo. Neste sítio juntou-se ao exército o rei de Navarra, dom Sancho, com boa parte de gente, cuja vinda fez desaparecer a tristeza que havia causado a fuga dos estrangeiros. Animados todos e desvanecidos os rumores de covardia e

de temor que antes se haviam espalhado, puseram-se em marcha, tomando por força quantos castelos se lhes opunham em todas aquelas comarcas. Assim chegaram até o pé da Serra Morena, vencendo indizíveis dificuldades, já pela aspereza e estreiteza dos caminhos, já pelos obstáculos com que o mouro procurava impedir o passo dos lugares estreitos. Informado Mahomad do que se passava em nosso exército, preparou-se para fazer uma oposição vigorosa. Fez todos os aprestos de armas e de víveres, distribuindo-os em lugares convenientes. Ele mesmo marchou a Baeza e dali destinou tropas que impedissem o passo dos montes, cuidando principalmente de atalhar o passo da Losa, passo estreito por onde era forçoso que desfilasse todo o exército e onde era fácil fazer grande matança, tendo bem fortificados os postos. Esta disposição prometia ao mouro uma de duas vantagens: ou a destruição do exército cristão, se permanecia sem passar adiante, devendo perecer por falta de mantimentos, ou uma completa vitória se se determinava a passar as montanhas a todo risco. Realmente o perigo dos cristãos naquela situação era grande e capaz de amedrontar corações menos possuídos de valor. O rei dom Afonso determinou juntar um conselho dos capitães mais experimentados, no qual, pesadas todas as circunstâncias com madureza e reflexão, se resolvesse o mais conveniente. A maior parte foram de parecer que deviam voltar atrás para entrar por lugares mais acessíveis na Andaluzia; determinaram e julgaram que seria grande temeridade o intentar passar adiante por lugares tão estreitos, em que forçosamente haviam de ser presa dos inimigos. Os conselhos humanos são sumamente débeis quando não contam com as disposições da Providência, mas se fiam unicamente nas escassas luzes da humana sabedoria. Tanta temeridade é o confiar demasiado nas próprias forças à vista de um iminente perigo como o é o não contar nele com a assistência do poder divino, principalmente quando se obra por uma causa justa. O rei dom Afonso, em quem se juntavam a um mesmo tempo um valor verdadeiro, uma ilustrada prudência e uma piedade sólida, combinava em sua mente todos os bens e os males. Conhecia que o voltar atrás, ainda que fosse com o pretexto de buscar um caminho mais cômodo, tinha todas as aparências de uma covarde fuga e que esta resolução havia de ter funestas consequências, desmaiando os cristãos ao passo que os mouros se animariam, tomando novas forças com nossas mesmas disposições. Penetrava muito bem todas as dificuldades que opunham os experimentados capitães; mas para vencê-las contava principalmente com um socorro inteiramente divino. Sua esperança era firmíssima, porque não podia persuadir-se de que faltasse Deus aos seus no tempo da necessidade, sempre que suas obras se encaminhassem a um fim justificado e implorassem o auxílio divino com pureza de coração. Por último, disse a seus capitães que umas mesmas empresas eram factíveis ou impossíveis segundo os olhos com que se olhavam. Os apoucados e covardes acham dificuldades insuperáveis onde não as encontram os valorosos e esforçados. Determinou, pois, passar adiante por aquele sítio antes que expor a boa opinião de seu exército no mesmo princípio da empresa.

Tomado este conselho, começaram a executá-lo com valor: dom Diego de Haro enviou seu filho dom Lope com bom número de gente para que com seu valor começasse a aplainar as dificuldades. Subiu o esforçado jovem por aquelas asperezas e, no mais alto delas, apoderou-se de um lugar chamado Ferral, arredando os mouros que o guarneciam. Mas, quando se tratou de chegar ao porto de Losa, que era a chave daquelas montanhas, decaiu de ânimo, tendo por temeridade e não por valentia o pelejar juntamente com as dificuldades que a natureza opunha na estreiteza e fragosidade do terreno e com a multidão de mouros que as defendiam tão vantajosamente situados: este fato causou um geral transtorno em todo o exército, principalmente na classe de soldados, com quem pode mais muitas vezes uma falsa opinião apoiada que a

verdade mesma. Começou-se a murmurar entre eles sobre a impossibilidade da empresa: criam que haviam sido conduzidos àquele sítio para serem vítimas da fome ou do desespero; este sussurro cundia demasiado, apoucava os ânimos e espalhava o espírito de deserção; de tal modo que muitos soldados tratavam de desamparar os arraiais, desconfiados inteiramente de poder sair com a empresa. O rei dom Afonso via tudo e afligia-se dentro de seu coração; mas tinha firme sempre em Deus a esperança de que não lhes faltaria sua ajuda no maior conflito. O medo que viu espalhado por todo o exército e que se manifestava bem nos abatidos semblantes dos soldados deu novo fervor e eficácia às orações que dirigia continuamente ao céu, implorando sua ajuda, da qual dependia a honra e bom êxito das armas cristãs e a confusão da bárbara mourama. O céu ouve sempre as súplicas que nascem de um coração puro e fervoroso. Ele foi quem naquele conflito lhes preparou um aldeão que tinha grande conhecimento das mais escondidas trilhas e veredas que cruzavam aquelas montanhas. Este rústico, que alguns julgaram ser um anjo do céu, por não se ter visto mais depois que mostrou o caminho, apresentou-se ao rei e fez-lhe promessa de que, por sendas que ele sabia, faria que passasse todo o exército sem que recebesse dano algum e frustrando todas as disposições dos mouros. A proposta deste pastor dividiu os capitães em diferentes pareceres, opinando uns que era um arrojo temerário o fiar a um homem desconhecido as vidas de tantos homens e a reputação das armas cristãs, e julgando outros que era igualmente temeridade o desprezar em circunstâncias tão críticas um arbítrio que parecia enviado do céu. Determinaram, pois, que o examinassem alguns por seus mesmos olhos, para o que foram assinalados dom Diego de Haro e García Romeu. Achou-se ser verdade o que o pastor dizia; e, embora foi necessário tomar alguns rodeios, que os mouros chegaram a qualificar de fuga, as sendas que mostrou foram tão certas e cômodas que em breve tempo todo o exército se apoderou do mais alto das montanhas, sem que os mouros pudessem fazer-lhes resistência.

O êxito feliz com que haviam superado os perigos que os tinham acovardado anteriormente espalhou entre os cristãos uma universal alegria, e com ela voltou o antigo valor a fortificar seus corações. Havia mais além das montanhas um sítio cômodo em que se estabeleceu o rei dom Afonso com toda a sua gente e, numa planície capaz para a formação do exército, assentaram os arraiais à vista do inimigo. Preparou-se este para a batalha, repartindo sua gente em quatro esquadrões e ficando o rei infiel situado num alto outeiro que dominava tudo, com a gente de sua guarda. Como os cristãos se achavam demasiadamente fatigados com a subida de tão ásperos caminhos, não teve o rei Afonso por conveniente o entrar logo em batalha; antes mandou que naquele dia e no seguinte se desse abundante sustento a soldados e cavalos para que descansassem do passado trabalho e cobrassem novos alentos para entrar com vigor na peleja. Estas medidas de prudência militar as qualificava Mahomad de covardia; tanto que, vendo que em dois dias seguidos não desciam os cristãos à batalha, chegou a persuadir-se de que estavam decaídos de ânimo e possuídos do temor. Enviou mensageiros a todas as cidades de sua seita, mandando-lhes dizer com palavras soberbas e arrogantes que tinha cercados três reis cristãos e apanhados seus exércitos como se fosse com redes, de modo que cairiam todos em suas mãos, ficando mortos ou prisioneiros. Esta nova tão lisonjeira se fazia mais alegre com o que cada um acrescentava de seu; mas no dia terceiro, que foi uma segunda-feira, dezesseis de julho, seu gozo converteu-se em tristeza, vendo o contrário do que se haviam imaginado. Neste dia determinaram os cristãos dar a batalha; e, sabendo que toda boa obra deve começar por Deus e que sem seu auxílio de nada servem as numerosas hostes, confessaram-se e comungaram os soldados cristãos, cobrando com tão divino alimento uma fortaleza irresistível. Feito isto, ao amanhecer ordenaram

toda a gente em forma de batalha, encarregando o mando dos lugares mais expostos aos mais experimentados e valorosos capitães. Os bispos e eclesiásticos, que iam em grande número, andavam de companhia em companhia esforçando os soldados e fortalecendo-os com palavras animadas do espírito da religião, concedendo-lhes ao mesmo tempo muitas graças espirituais e indulgências. O mouro, por sua parte, ordenou sua gente em quatro esquadrões, ficando ele em sua tenda real, cercada de cadeias de ferro e com uma guarda numerosa de mouros nobres e esforçados. Dispostas assim as coisas, e estando para dar-se a batalha, o rei Afonso, desde um lugar alto onde podia ser ouvido de todos, falou aos seus, animando-os desta maneira: «Bem sabeis, ó valorosos espanhóis, que injustamente e contra todo direito ocuparam nossa Espanha esses bárbaros que tendes presentes. Sabeis que pela força de nosso braço têm sido já despojados da maior parte dos usurpados domínios. A presente ação vai completar sua ruína ou renovar em nós as antigas cadeias. Se vencerdes, já não lhes fica lugar em toda a nossa Espanha onde possam viver seguros; se fordes vencidos, não lhes fica obstáculo para voltar a sujeitá-la toda a seu domínio. A justiça, a razão e o próprio Deus estão a nosso favor. Se, confiados nele, pelejardes contra essa canalha, que confia unicamente em sua multidão e em suas forças, alcançareis uma gloriosa vitória. Já não vos resta outro partido que a escravidão ou o triunfo; arremetei, pois, com o valor e fortaleza que manifesta a alegria de vossos semblantes.» O mouro, por sua parte, animou os seus, representando-lhes a superioridade de seu exército e a covardia que haviam manifestado os cristãos nos dias anteriores; e dizendo-lhes que naquela ação consistia o dominar para sempre toda a Espanha ou perder de todo as províncias que nela possuíam. Animados os soldados de uma e outra parte, começou-se a batalha com grande valor e esforço. Seguia a matança sem que por nenhuma parte se declarasse a vitória. Três vezes carregaram os cristãos com grande ímpeto e valor sobre os inimigos sem que por isso pudessem desconcertar seus esquadrões; antes se desordenaram algum tanto os cristãos, como dando mostras de querer pôr-se em fuga. Vendo isto o rei dom Afonso, disse ao arcebispo dom Rodrigo, que estava a seu lado: «Eia, arcebispo, morramos aqui todos.» E, ao dizer estas palavras, queria meter-se no mais perigoso da peleja para animar com sua presença os soldados ou conseguir com eles uma morte honrosa. Mas o arcebispo, fazendo-lhe presente que na conservação de sua vida consistia a vitória, o deteve dizendo: «De nenhuma maneira, ó rei, morreremos; antes venceremos felizmente a nossos inimigos.» Nisto, o último esquadrão adiantou-se e carregou sobre os mouros com tanta fúria que infundiu novo esforço e valor nas tropas cristãs, restituindo-as a sua primeira ordem. Já haviam pelejado a maior parte do dia sem que os cristãos desmaiassem um ponto de seu primeiro esforço. Os mouros, pelo contrário, cansados e não podendo sofrer o estrago que faziam neles as hostes cristãs, começaram a fraquejar e a desordenar-se; e em breve tempo, o que começou por uma desordem converteu-se em precipitada fuga, deixando em mãos dos cristãos uma gloriosa vitória.

Alguns referem que ao princípio do combate apareceu no ar uma resplandecente cruz de várias cores que, ao passo que esforçava os cristãos, enchia com sua vista de terror os infiéis; mas deste acontecimento não fizeram menção nem o arcebispo dom Rodrigo, que se achou presente, nem o mesmo rei na carta que escreveu ao papa Inocêncio, dando-lhe conta do que havia sucedido. O que há de verdade, e é caso maravilhoso, foi que, penetrando diferentes vezes pelos esquadrões dos inimigos o cônego de Toledo que levava a cruz arquiepiscopal, jamais puderam feri-lo, como o intentaram, disparando-lhe muitas setas e lanças; antes se viu que os dardos ficavam cravados na haste da cruz sem que nenhum ofendesse o cônego; tudo o que animou muito os cristãos e lhes

certificou do visível patrocínio com que o céu os ajudava. O que fez ver isto mais claramente foi que, tendo perecido dos mouros cerca de duzentos mil, o número de cristãos mortos não passou de vinte e cinco. O rei mouro salvou-se fugindo, e os cristãos apoderaram-se de todas as suas tendas, fazendo ricas presas e tomando inumeráveis despojos, os quais se repartiram de modo que todos ficaram gozosos e contentes. Esta vitória, assim como foi chorada pelos inimigos do nome cristão, assim também foi celebrada com grandes festas e regozijos por toda a cristandade. Em todas as partes se cria que não podia chegar a mais a glória do nome de Jesus Cristo, cuja santíssima cruz havia penetrado e desordenado os esquadrões inimigos, dando aos cristãos um triunfo milagroso de que não havia exemplar nas histórias. Por esta causa se instituiu na Espanha, por mandado do papa Gregório XIII, esta festa do Triunfo da Santa Cruz, para dar graças a Deus de que por sua virtude ficassem prostrados aqueles mesmos que pretendiam com soberba desterrá-la do mundo e pôr em cadeias a todos os seus adoradores.

Martirológio Romano

A festa de São Fausto, mártir, que no tempo do imperador Décio foi cravado numa cruz e viveu assim cinco dias, ao cabo dos quais morreu asseteado e subiu ao céu.

Em Sebaste, na Armênia, Santo Atenógenes, bispo, e dez de seus discípulos, mártires sob o império de Diocleciano.

Em Antioquia, na Síria, a festa de Santo Eustácio, bispo e confessor, ilustre por sua doutrina e santidade, o qual, tendo sido desterrado pelo imperador Constâncio a Trajanópolis, na Trácia, morreu ali na paz do Senhor.

No mesmo dia, São Hilarino, monge, que, preso com São Donato na perseguição de Juliano e não querendo sacrificar aos falsos deuses, foi moído a pauladas e recebeu a coroa do martírio em Arezzo, na Toscana. Seu corpo foi levado a Óstia.

Em Tréveris, São Valentim, bispo e mártir.

Em Córdoba, na Espanha, São Sisenando, levita e mártir, a quem garrotaram os sarracenos pela fé de Jesus Cristo.

Em Zanchte, na Gália Bélgica, Santa Renelda, virgem, e seus companheiros, todos mártires, despedaçados pelos bárbaros em ódio de Jesus Cristo.

Em Bérgamo, São Domnião, mártir.

Em Cápua, São Vitaliano, bispo e confessor.

Na Alvérnia, São Ilpízio, venerado como mártir. Em Avrilly, o infante São Domino, cujo corpo é venerado em Le Puy-en-Velay.

Em Séez, São Landrício, bispo.

Na Etiópia, São Terapião, confessor.

Em Nitra, na Hungria, São Suirado, solitário.

Missa (oração)

A missa é própria, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui per Crucem tuam, populo in te credenti, triumphum contra inimicos concedere voluisti: quæsumus, ut tua pietate adorantibus crucem victoriam semper tribuas, et honorem. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, que vos dignastes conceder por meio de vossa Cruz ao povo que crê em vós um singular triunfo contra seus inimigos, suplicamo-vos que, por vossa piedade, vos digneis dar sempre honra e vitória aos que adoram vossa cruz. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 6 da que escreveu São Paulo aos Gálatas.

Gálatas 6,14-18

> **Latim:** [14] Mihi autem absit gloriari, nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi : per quem mihi mundus crucifixus est, et ego mundo. [15] In Christo enim Jesu neque circumcisio aliquid valet, neque præputium, sed nova creatura. [16] Et quicumque hanc regulam secuti fuerint, pax super illos, et misericordia, et super Israël Dei. [17] De cetero, nemo mihi molestus sit : ego enim stigmata Domini Jesu in corpore meo porto. [18] Gratia Domini nostri Jesu Christi cum spiritu vestro, fratres. Amen.

Português: [14] Mas nunca Deos permitta que eu me glorie, senão na cruz de nosso Senhor Jesu Christo: por quem o mundo está crucificado para mim, e eu crucificado para o mundo. [15] Porque em Jesu Christo nem a circuncisão, nem a incircuncisão valem nada, mas o ser huma nova creatura. [16] E a todos os que seguirem esta regra, paz, e misericordia sobr'elles, e sobre o Israel de Deos. [17] Quanto ao mais ninguem me seja molesto: porque eu trago no meu corpo as marcas do

Senhor Jesus. [18] A graça de nosso Senhor Jesu Christo, irmãos, assista no vosso espírito. Amen.

Reflexões

Nas primeiras cláusulas desta epístola nos ensina o apóstolo São Paulo com suas palavras uma máxima grande que nos manifestou depois muito melhor com seu exemplo: a saber, que o verdadeiro cristão há de colocar toda a sua glória na cruz de Jesus Cristo. *Longe de mim — diz — o gloriar-me em outra coisa que na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo.* Os que amam a glória mundana, os que caminham atrás dela exalados, como se nela houvessem de encontrar a satisfação de todos os seus desejos, devem atender e refletir estas palavras de São Paulo, que bastam por si sós para formar a medicina de uma alma enferma da paixão de glória. Um São Paulo, que havia estudado os primores das humanidades e os arcanos das ciências; que se havia distinguido entre todos os seus contemporâneos em perseguir o nome de Cristo, este mesmo chega por meio da graça a uma convicção tal da falsidade de suas máximas antigas que toda a sua reputação a coloca na cruz. Sua glória a funda na doutrina, no amor de Jesus Cristo, por quem diz que o mundo, com todos os seus falsos bens, com toda a sua falsa glória, está morto e crucificado para ele; e da mesma maneira diz de si mesmo estar morto e crucificado para o mundo.

O grande padre Santo Agostinho (Sermão 20, sobre as palavras do Apóstolo) reflete sobre esta sentença do Apóstolo de uma maneira que dá consolo aos cristãos atribulados e maltratados do mundo e desperta do sono da negligência e da falsa paz os cristãos que, em meio das riquezas e rodeados de delícias, se persuadem de que levam a cruz de Cristo somente com levar seu nome. Poderia, diz, gloriar-se o Apóstolo da sabedoria de Cristo; poderia gloriar-se da majestade e do poder; e na verdade tinha razão para colocar sua glória em coisas tão santas e divinas. Mas, com tudo isso, somente disse que se gloriava na cruz. Naquilo mesmo em que o filósofo mundano não encontrou outra coisa que afronta e vergonha, ali mesmo encontrou o Apóstolo seu tesouro: e assim, *o que se gloria, glorie-se no Senhor*: em que Senhor? Em Cristo crucificado; porque onde está a humildade, ali está a majestade; onde a fraqueza, ali está o poder; onde a morte, ali está a vida. Se queres, pois, chegar tu a esta, não desprezes a humildade, a fraqueza, nem a morte, nem te envergonhes da cruz, porque justamente para evitar em ti este extravio te puseram no batismo este sagrado sinal na fronte, que é o lugar onde reside a vergonha. Estas palavras de Santo Agostinho nos ensinam em que devemos os cristãos constituir nossa verdadeira glória, que é na humildade, no abatimento, nos trabalhos e penalidades que se padecem por Jesus Cristo, assim como o mesmo Senhor os padeceu por nós; e esta doutrina é consequente à que dá o mesmo santo explicando as palavras do Filho de Deus quando se nos propôs por exemplo, dizendo: *Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração*; pois não nos disse que aprendêssemos a ressuscitar os mortos, a multiplicar os pães, a sarar os paralíticos, a dar vista aos cegos, a tranquilizar os mares nem a fazer obras portentosas próprias de sua onipotência, mas quis que aprendêssemos aquela pobreza que manteve por toda a sua vida até morrer nu numa cruz, aqueles jejuns e solidão do deserto, aquela invicta paciência que mostrou no sofrimento das mais atrozes injúrias; e por último aquela humilhação de nascer num presépio e morrer numa cruz pela

redenção do mundo e para obedecer ao Eterno Pai. Nisto há de constituir sua glória o cristão; isto há de encher seu coração de satisfação e alegria; e isto, finalmente, é o que há de fazê-lo conhecer de todos por discípulo de Jesus Cristo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São Lucas.

Lucas 21,9-19

> **Latim:** 9 Cum autem audieritis prælia et seditiones, nolite terreri : oportet primum hæc fieri, sed nondum statim finis. 10 Tunc dicebat illis : Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum. 11 Et terræmotus magni erunt per loca, et pestilentiæ, et fames, terroresque de cælo, et signa magna erunt. 12 Sed ante hæc omnia injicient vobis manus suas, et persequentur tradentes in synagogas et custodias, trahentes ad reges et præsides propter nomen meum : 13 continget autem vobis in testimonium. 14 Ponite ergo in cordibus vestris non præmeditari quemadmodum respondeatis : 15 ego enim dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestri. 16 Trademini autem a parentibus, et fratribus, et cognatis, et amicis, et morte afficient ex vobis : 17 et eritis odio omnibus propter nomen meum : 18 et capillus de capite vestro non peribit. 19 In patientia vestra possidebitis animas vestras.

Português: 9 E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estes cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. 10 Então lhes dizia: Levantar-se-ha nação contra nação, e reino contra reino. 11 E haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão cousas espantosas, e grandes sinaes do ceo. 12 Mas antes de tudo isto lançar-vos-hão elles as mãos, e perseguir-vos-hão entregando-vos ás synagogas, e aos carceres, levando-vos á presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu nome: 13 e isto vos será occasião de dardes testemunho. 14 Gravai pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder: 15 porque eu vos darei huma boca, e huma sabedoria, á qual não poderão resistir nem contradizer todos os vossos inimigos. 16 E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros: 17 e sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome: 18 entretanto não se perderá hum cabello da vossa cabeça. 19 Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

Meditação

Sobre as glórias que nos provêm da Santa Cruz

Primeiro ponto

Considera que, sendo Cristo o exemplar que devemos seguir os cristãos, a exaltação sua por meio da cruz é o incentivo mais poderoso para acender nossos desejos de chegar à glória por meio das humilhações, à imitação de Jesus Cristo.

Não se pode duvidar de que o Salvador do mundo, apesar de ser Deus, pôde ter alguma glória provinda de sua missão e do cargo de Redentor que tomou sobre si; pelo que diz São Paulo que Deus o exaltou, dando-lhe um nome sobre todo nome, a cujo som dobram o joelho reverentes o céu, a terra e os abismos, que é o dulcíssimo e santíssimo nome de Jesus. Tampouco se pode duvidar de que de coisa nenhuma lhe podia vir maior glória que de ser conhecido por Deus e crido e adorado por tal. Este era o fim de sua encarnação, de sua vida e de sua morte; nisto se cifravam todos os seus anelos; e esta era, segundo São João Evangelista, circunstância tão precisa a sua missão que a chama a substância da redenção e vida eterna. *O conhecer ao Eterno Pai por verdadeiro Deus*, diz, *e a seu enviado Jesus Cristo, é a vida eterna.* Sendo isto assim, quando se viu Cristo mais conhecido e crido Deus que quando esteve crucificado e pendente de um lenho reputado com os iníquos? Posto numa cruz, suplício o mais afrontoso entre todos os suplícios; feito o último e mais desprezado de todos os homens, segundo a expressão de Isaías (Is 53) , então foi quando se viu exaltado e coroado de glória, quando tudo o aclamou Filho do Eterno Pai e verdadeiro Deus. Havia o Salvador do mundo manifestado o nome de seu Pai; havia-se manifestado a si mesmo com prodígios tão brilhantes que só a cegueira judaica podia deixar de ver a onipotência e divindade que cobria o tosco véu da carne. Havia ressuscitado mortos, curado leprosos, dado vista a cegos, lançado dos corpos os espíritos imundos e feito outros prodígios semelhantes que o manifestavam pelo que era e exigiam dos homens a fé e a estima; mas não logrou Cristo outra coisa que ser tido por samaritano feiticeiro e por um homem que fazia maravilhas por virtude diabólica. Assim diziam vendo-o fazer milagres: *Pela assistência de Belzebu, príncipe dos demônios, enxota os espíritos infernais.* O mais que conseguiu foi ser tido por filho de Davi e digno de seu reino, segundo clamavam no dia em que entrou em Jerusalém entre as aclamações populares.

Mas apenas chega o momento de ser crucificado; apenas se vê obrigado a clamar a seu Pai Eterno que era um desprezível e abatido vermezinho da terra, o opróbrio dos homens e o desprezo da plebe; apenas a divindade unida àquela humanidade santíssima chega desde o alto de sua imensidade e sua glória ao profundo do abatimento de uma cruz; apenas parece mortal o imortal, passível o impassível, réu o que era justiça imutável, servo o dono e fazedor de todas as coisas e por último maldito e pecador o que enche tudo de bênção e é a mesma graça e justiça por essência, quando, por um modo novo e nunca usado, tudo o aclama Deus, tudo o exalta e levanta até a mesma divindade, tudo lhe tributa fé e tudo o confessa Filho de Deus. O sol se escurece, a lua nega sua luz, os penhascos se desfazem e desgalham, a terra se estremece e treme, os sepulcros devolvem os cadáveres que encerram, o inferno entrega as almas que nele se depositavam, o véu do templo se rasga, o ladrão lhe pede misericórdia e o paraíso, como a dono dele, os judeus voltam pesarosos, ferindo seus peitos e proclamando sua inocência; e por último o

Centurião clama entre todos em altos brados: *Verdadeiramente Filho de Deus era este.* Cristo pendente numa cruz chega a persuadir uma doutrina desconhecida a todos os filósofos, que causava escândalo aos judeus e parecia loucura aos gentios. A cruz fez que Jesus Cristo fosse confessado Filho de Deus e exaltado ao alto grau da divindade. Este é o exemplar que se nos apresenta no monte, para que fixemos nele nossas considerações e tiremos delas o correspondente fruto.

Segundo ponto

Considera que a cruz é o caminho abraçado por Cristo para nossa glória; e por conseguinte quão errados vão os homens quando pretendem encontrá-la por outras sendas que as que andou seu capitão e mestre.

A cruz, isto é, a humilhação, os trabalhos que olham os homens com tanto horror, é a senda que nos deixou nosso amabilíssimo Jesus consagrada com suas plantas, para que, assim como ele chegou por meio da cruz aonde não o conduziram milagres e portentos, da mesma maneira cheguemos nós também a conseguir uma exaltação e glória verdadeira. Se olhássemos a cruz com este semblante, quanto a amaríamos! Quanto a desejaríamos e suspiraríamos por ela! Mas, abismados em nossa fraqueza e miséria, não vemos na cruz senão o que era antes que Cristo a santificasse. Figura-se-nos tormento, horror, ignomínia, escândalo, perdição, baixeza, dor, angústia e morte. Estes títulos de horror merece a cruz aos que não são verdadeiros discípulos daquele que esteve pendente nela; mas os verdadeiros servos seus a olham com muito distintos olhos e encontram nela todos os motivos de honra, de glória e de consolo. O grande padre Santo Agostinho a chama candeeiro onde foi colocada a luz que ilumina o mundo; resguardo e tutela contra todo mal; vitória da morte; esperança do cristão; chave do paraíso; firmamento da fé e glória do justo. São João Crisóstomo assegura que nela tem o cristão uma paz firme e uma dádiva que encerra em si todos os bens; porque ela é a alegria dos tristes, o bordão dos caídos, a guia dos cegos, o sustento dos pobres, o suplício dos ricos, o freio dos soberbos, a glória dos humildes, o socorro dos necessitados, o consolo dos aflitos, o porto do navegante, a segurança no perigo, a sanidade do enfermo e vida, enfim, que ressuscita o que está morto pela culpa. Com semelhantes elogios exaltam a cruz todos os padres, e com os mesmos estava significada em diversos lugares da Escritura.

Parece um paradoxo que se hajam de tributar todos estes louvores aos trabalhos significados na cruz e que hajam de persuadir-se os cristãos de que hão de ser causa de felicidade e de glória aquelas coisas que, olhadas em si mesmas, parecem verdadeiros males. Mas este é o mistério da santa cruz, e esta é a escola do divino Mestre. Os trabalhos desta vida nos curam da ignorância com que costumamos abraçar o mal por bem e ter o bem por mal. As perseguições que sofreu Davi do ingrato Saul, os atrevimentos e perfídias de Absalão abriram-lhe os olhos para conhecer seus erros e pedir a Deus misericórdia. Os israelitas, enquanto se viram aflitos no penoso cativeiro do Egito, gemendo e suspirando sob a cruz da opressão, não só não idolatraram, mas levantavam as mãos a Deus contritos e arrependidos; mas logo que no deserto se viram livres do cativeiro, descarregados de todo trabalho, regalados com o maná celestial, guiados por uma coluna e

protegidos por uma nuvem, logo fabricaram um ídolo e cometeram a um mesmo tempo os horrendos pecados de ingratidão e de idolatria. Tudo isto prova que a cruz é o meio por onde conseguimos as ilustrações da fé, a qual nos faz abrir os olhos para conhecer que as penas e perseguições são regalos da divina mão e que somente por meio da cruz podemos chegar a conseguir aquela glória e felicidade que apetecemos.

Jaculatórias

> *Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi, quia per crucem tuam redemisti mundum.* Liturgia da Igreja.

Adoramo-vos, nosso Redentor Jesus Cristo, e bendizemos vosso santo nome, porque por meio de vossa santa cruz redimistes o mundo.

> *Mihi autem absit gloriari, nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi.* Gl 6.

Não permitais, Senhor, que eu constitua minha glória em outra coisa que em levar sobre meus ombros a cruz de meu Senhor Jesus Cristo.

Propósitos

Conheço, ó Deus meu, quanta é a infelicidade daqueles que não provam neste mundo as penas e tormentos da cruz e quanta a necedade dos que as padecem com tal desagrado e repugnância que perdem todo o fruto e chegam a reputar-se por infelizes! Espíritos néscios! Homens sem conselho, que não sabem estimar sua saúde, sua vida, sua verdadeira felicidade e sua glória sólida e duradoura! Creem nescamente que o ter tribulações e padecer misérias nesta vida é indício de que os olhais com mau semblante; enchem-se de enojo e talvez não duvidam prorromper em iradas queixas, que são outras tantas blasfêmias contra vossa divina Majestade. Grande Deus! Eu conheço, porque vós mo ensinastes, que, se isto fosse assim, se o padecer neste mundo fosse sinal de vossa ira e desamor, nem vossos eleitos teriam estado continuamente cercados de perseguições, nem vosso Filho unigênito teria expirado nos braços de uma cruz afrontosa. Todo cristão deve estar persuadido de que Jesus Cristo nos deixou sua cruz por herança; de que nela nos escondeu a saúde de nossas almas e de que por consequência é preciso sofrer trabalhos se se quer participar dos frutos proveitosos da cruz. Assim como seria néscio o ferido que se queixasse e se voltasse contra a mão do hábil facultativo que lhe aplica cáusticos e às vezes ferro e fogo para que sare de suas feridas, da mesma maneira, e com muita mais razão, o será o que se atreva a mostrar impaciência nas adversidades que Deus lhe envia. Pelo contrário, deve adorar aquela mão

benéfica e conhecer que obra como pai amoroso, que castiga e corrige a seu filho à proporção do que o ama. Este modo de pensar será, ó Deus meu, o que terei eu todos os dias de minha vida. Abraço-me com vossa cruz sacrossanta; adoro o preço infinito que dela esteve pendente para minha saúde e meu resgate; imploro vossos soberanos auxílios e com eles nem temo as aflições, nem me acovardam os trabalhos, nem recuso a luta com todas as forças do abismo; porque, se vós estais comigo, quem será capaz de fazer-me o mais leve dano?

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:22 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:22 by Admin